

Pedro Tamen

O Livro do Sapateiro

Dom Quixote

Nome de uma inspiração original, Pedro Tamen mantém o fulgor criativo a que nos habituou mas propondo um olhar mais fundo sobre o seu território poético. *O Livro do Sapateiro* é, porventura, a obra superior de um poeta que, “prego a prego”, verso a verso, busca “a razão da giesta” numa auto-reflexividade menos hermética, mais próxima de todos os mortais.

Em *O Livro do Sapateiro*, Tamen não rompe com os jogos simbólicos, não afasta a soberania da metáfora nem se divorcia da rima e de imagens insólitas, cumprem-se nele os desígnios da interioridade, porém, mais do que nunca, o poeta agudiza a consciência do ser face ao finito, sem deixar de incorporar “as cores de tudo”, “um gosto de cerejas” e o desejo solar na “penumbra da oficina”. Atente-se no poema: «Meia sola é meia sola. / Será por isso que a cola / me cheira tanto a vinagre? // Mas meia sola é milagre. / E eis o que ninguém sabe: / que neste cantinho cabe, / na penumbra da oficina, / na casca do caracol, / esta pequena aspirina / que é a largueza do sol.»

Na edição especial de *A Phala / Um Século de Poesia* (1988), Pedro Tamen diz: «(...) tenho ocupado todo o meu tempo de poeta a tentar transfigurar o Caos em pequenos grãos de pó onde ele seja por vezes e porventura visível, captável...» Na verdade, ao longo de mais de cinco décadas de vida literária (estreou-se com *Poema para Todos os Dias*, 1956), Tamen oferece-nos uma escrita inovadora, fortalecendo o apuro do estilo sobretudo a partir de *Os Quarenta e Dois Sonetos* (1973), e depurando o discurso do sensível em livros como *Memória Indescritível* (2000) e *Analogia e Dedos* (2006). De certo modo, o último perdura neste trabalho do escritor (particularmente as alegorias inscritas nos poemas *Noé* e *Moisés*), todavia n' *O Livro do Sapateiro* há uma outra unidade, a matéria humana está mais coesa, encontramos um sujeito lírico não fragmentado, daí resultando a intensa e límpida harmonia de significados e ritmos, quais “grãos de pó” que afagam os “dedos nodosos” e desnudam os “anos roídos pelos ratos”.

Pedro Tamen, brilhante nas metáforas deste livro: a da cave, “mundo incompleto”, lugar do homem e do “trabalho duro”, do “presente vivido”; a do sapateiro (*alter ego* de Tamen?), *andarilho* sentado no “escabelo”, fazendo “(...) do sapato / acto.”, espreitando pela “janela alta” a “sereníssima claridade” e por um “janelo” adivinhando os mistérios da luz; e ainda o “impalpável pé” e o sapato, “a pele deste ser vivo” que as “lentas mãos modelam”, interagindo ferramenta e cansaços, rios e silêncios, os “olhos molhados”

e talvez a morte acocorada nos enigmas da viagem, no “destino de invenção” da palavra.

Falamos de 49 poemas ou poema único em 49 andamentos, de Pedro Tamen e sua mestria na elipse e transfiguração do real. Sublinhamos a craveira de um autor com poesia reunida em *Retábulo das Matérias (1956-2001)* e também a do tradutor cuja excelência ressalta, por exemplo, de *À la Recherche du Temps Perdu (Em Busca do Tempo Perdido)*, de Proust.

© MARIA AUGUSTA SILVA